



O anti-intelectualismo nazi-capitalista emergente e o papel do conhecimento científico, filosófico, artístico e místico como resistência crítica e criadora na difusão social do conhecimento¹

Dante Augusto Galeffi²

RESUMO

Trata-se de uma reflexão do fenômeno emergente da ideologia do anti-intelectualismo que se tornou a narrativa política hegemônica da extrema direita mundial no momento atual e, particularmente no Brasil, ganha um espaço que tomou conta do discurso de poder instituído, o que requisita uma investigação criteriosa e polilógica da gênese do uso político das redes sociais que propagam o discurso *nazicapitalista* e agenciam o que se pode chamar de “psicopoder” e de “psicopolítica”, de acordo com o filósofo Byung-Chul Han, buscando com isso desmascarar os dispositivos da produção de verdades baseadas em uma negação dogmática da ciência, e dos conhecimentos humanos tradicionais e disponíveis. O texto segue o fluxo de uma exposição oral de caráter provocativo e interrogante, fundamentando-se na crítica radical de qualquer redução da realidade a discursos monológicos e negacionistas em relação ao conhecimento publicamente examinado e reconhecido. O caráter desvelado do que aqui se chamou de *nazicapitalismo mundial integrado* requer uma atitude de combate de toda redução da realidade à perspectiva do soberano absoluto, o que também significa uma crítica radical ao anti-intelectualismo que vem crescendo de modo desproporcional no discurso do poder dos que não são ainda seres humanos, mas máquinas desejantes de necropoder e partidárias do eliminar e destruir os “outros”, contrárias ao que torna o ser humano um curador poliético do mundo da vida em sua totalidade, e em que nada fica de fora, nada pode ser excluído.

Palavras-chave: anti-intelectualismo, nazicapitalismo, conhecimento, psicopoder, difusão do conhecimento.

¹ Palestra de encerramento do I Fórum Sociedade Crítica, uma realização do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS) /Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOP), em Barreiras-Ba-13/09/2019.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Departamento de Educação. E-mail: dgaleffi@uol.com.br.

ABSTRACT: It is a reflection of the phenomenon emerging from the ideology of anti-intellectualism that has become the hegemonic political narrative of the extreme world right now, and particularly in Brazil it gains a space that has taken over the discourse of instituted power, which requires a careful and polylogical investigation of the genesis of the political use of social networks that propagate the Nazi-capitalist discourse and agency what can be called “psychopower” and “psychopolitics”, according to the philosopher Byung-Chul Han, seeking to unmask the devices the production of truths based on a dogmatic denial of science, and traditional and available human knowledge. The text follows the flow of an oral exposition of a provocative and questioning character, based on the radical critique of any reduction of reality to monological and denialist discourses in relation to publicly examined and recognized knowledge. The unveiled character of what has been called integrated global Nazi capitalism here requires an attitude of combating any reduction of reality to the perspective of the absolute sovereign, which also means a radical criticism of anti-intellectualism that has been growing disproportionately in the discourse of the power of who are not yet human beings, but necropower-desiring machines and supporters of eliminating and destroying “others”, contrary to what makes human beings a polyethic healer of the life world in its entirety, and in which nothing is left out, nothing can be deleted.

Keywords: anti-intellectualism, nazicapitalism, knowledge, psychopower, diffusion of knowledge.

RESUMEN: Es un reflejo del fenómeno que emerge de la ideología del antiintelectualismo que se ha convertido en la narrativa política hegemónica del mundo extremo en este momento, y particularmente en Brasil gana un espacio que se ha apoderado del discurso del poder instituido, que requiere un Una cuidadosa y poligráfica investigación de la génesis del uso político de las redes sociales que propagan el discurso *nazi-capitalista de* y la agencialo que se puede llamar "psicopoder" y "psicopolítica", según el filósofo Byung-Chul Han, que busca desenmascarar los dispositivos. La producción de verdades basadas en una negación dogmática de la ciencia y el conocimiento humano tradicional y disponible. El texto sigue el flujo de una exposición oral de carácter provocativo y cuestionador, basada en la crítica radical de cualquier reducción de la realidad a discursos monológicos y negacionistas en relación con el conocimiento examinado y reconocido públicamente. El carácter revelado de lo que se ha llamado aquí *capitalismo nazi global integrado* requiere una actitud de lucha contra cualquier reducción de la realidad a la perspectiva del soberano absoluto, lo que también significa una crítica radical del antiintelectualismo que ha crecido de manera desproporcionada en el discurso del poder del poder. que aún no son seres humanos, sino máquinas que desean el necropoder y partidarios de eliminar y destruir a "otros", en contra de lo que hace a los seres humanos un sanador polietético del mundo de la vida en su totalidad, y en el que nada queda fuera, nada Se puede eliminar.

Palabras-clave: antiintelectualismo, nazicapitalismo, conocimiento, psicopoder, difusión del conocimiento.

Abertura

O que significa o anti-intelectualismo que se apresenta como ideologia *nazicapitalista* que ganha cada vez mais corpo e domínio psicopolítico no mundo das redes telemáticas? Como justificar a fragilidade psicológica humana diante das redes dominadas por ideologias *nazicapitalistas*, e com quais meios combater a estupidez humana, o estado “predador” mais ignóbil da condição humana?

Tem sido um desafio complexo compreender o que se passa com o mundo humano em meio ao turbilhão das forças organizadas capitalistas que não se interessam senão por dinheiro, mais e mais dinheiro, em que o humano é mero cliente que só interessa quando atual, com poder de consumo, com dinheiro. O capitalismo não nasceu ontem e ele sempre foi ideológico, e sempre usou das armas e meios disponíveis para obter os seus resultados e garantir a sua perpetuação. Entretanto, o ***Nazi-Capitalismo Mundial Integrado*** é um fenômeno vinculado ao ciclo da cibernética, da computação e da telemática que dominam hoje o comportamento de rebanho das sociedades humanas.

A cunhagem do conceito *nazi-capitalismo-mundial-integrado* atualiza o conceito de ***Capitalismo Mundial Integrado (CMI)*** de Guattari (1990; 2009), querendo indicar com a expressão o capitalismo pós-industrial, que segundo ele já dizia

[...] tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc. (GUATTARI, 2009, p. 31).

Assim, o *nazicapitalismo* é uma expressão adequada para nomear o fenômeno do capitalismo emergente contemporâneo através da religião de massas e do uso ostensivo de notícias falsas e narrativas únicas movidas por dinheiro e travestidas de investidas moralistas e fundamentalistas.

Sim, é preciso esclarecer, elucidar o conceito “nazicapitalismo” a fim de se evitar toda sorte de representações mentais/afetivas, o que é sempre inevitável dada a natureza própria da percepção humana singular e contextual.

A palavra “nazi” é uma abreviação de *Nationalsozialist* 'nacional socialista', e indica o adepto e seguidor do nazismo hitlerista pertencente ao Partido Nacional Socialista Alemão. Assim, para atualizar a palavra, “nazi” agora se refere ao comportamento dos adeptos de regimes violentos e de pensamento único, através do argumento da força e da retórica manipuladora do “psicopoder” e agenciadora da “psicopolítica”, de mãos dadas com o capitalismo mais predador e aparelhado que reduz tudo ao dinheiro/dados. Deste modo, dizer *nazicapitalismo* é afirmar **a captura conceitual e política do dispositivo ideológico hoje dominante** que engendra, em seu aparelhamento telemático, a onda obtusa do anti-intelectualismo emergente, através de um “programa ideológico” modulador das almas, à imagem e semelhança dos programas ideológicos de todo regime político de exceção, de todo regime de mão-única, o que se põe no lado oposto de um regime democrático de direito, plural e diverso, múltiplo e justo, fundado na comum-responsabilidade, no diálogo e no confronto de concepções e respeito incondicional ao Outro, mas não na guerra e destruição em nome de falsas verdades afirmadas contra os “Outros”, os desviantes, os diferentes, os anormais....

A onda anti-intelectualista que tomou conta das redes sociais e das grandes empresas de comunicação e jornalismo faz parte de um pacote de ações muito mais complexas e enraizadas na ideologia nazicapitalista e seus tentáculos de “psicocontrole”, através do Big Data e suas redes de captura “psicossomáticas”. Eis uma das fontes que nutrem a ideologia nazicapitalista, e como afirma Byung-Chul Han (2018), que não usa esta expressão, a utilização do Big Data para decifrar modelos de comportamento anuncia o começo da *psicopolítica*. O movimento anti-intelectualista que emergiu nas redes é a expressão desta psicopolítica que invadiu a privacidade dos usuários sob os auspícios do capitalismo mais devastador, impondo um discurso híbrido, misto de neoliberalismo radical (o Estado Mínimo) com ideologia teologicamente nazifascista e discurso único, com dispositivo de expulsão do diferente, do exercício do pensamento divergente, não pelo argumento e pela razoabilidade dos juízos comuns e partilhados, mas pela imposição pelo uso da força e da judicialização da política de Estado de Exceção híbrido, em que tudo parece democrático, mas não é, parece justo e imparcial, mas não é. Trata-se do aparelhamento político-ideológico de extrema direita, pela demonização dos “comunistas”, o que significa todo aquele que não pensa e age como o “soberano”, o

“ditador”, o que tudo faz em nome de uma “verdade”, de uma “justiça”, de uma moral em que Deus está acima de todos, leia-se, o Deus Trump, o soberano do mundo, o Deus dinheiro encarnado. É um Deus castrador, ao modo de Saturno, que depois será destronado por seu filho Zeus. É um Deus dos Exércitos, da destruição, da morte, um Deus da “necropolítica”, da escravidão dos corpos e das almas, do roubo dos desejos e dos sonhos dos infindáveis seres humanos no mundo com os outros.

Expansões

Esclarecida inicialmente a gênese do programa anti-intelectual que se implantou na psicologia coletiva e que corresponde a uma violação da privacidade humana, garantia dos Direitos Universais da Pessoa Humana, e apresentado o conceito de “nazicapitalismo” como dispositivo de captura crítica dos operadores “inconscientes” de manipulação psíquico-somático-gregária, operadores programáticos para reificar (encarar uma representação mental como uma coisa material concreta, coisificar algo, transformar em coisa, dar o caráter de coisa ao fenômeno representado, tornar algo estático, paralisar, congelar a ação) e replicar (repetir, mimetizar, propagar, multiplicar) o discurso oficial do “soberano”, podemos dar um passo adiante na compreensão e identificação dos motivos que engendram ações negacionistas do conhecimento examinado e público em favor de regimes autoritários de exceção. E ocorre interrogar a figura do ditador, do soberano absoluto. Ora, soberano? Não vivemos em um regime democrático que justamente seria o contrário dos governos despóticos, autoritários, neonazifascistas?

O que acontece de fato com a **Direita alternativa** (*alt-right*), a extrema direita dos Estados Unidos e de alguns países europeus, caracterizada pela rejeição do “conservadorismo clássico” e pela militância a favor dos brancos, do sexismo, do antisemitismo e do conspiracionismo? O que aconteceu e acontece no Brasil que agora também protagoniza para o mundo na figura do seu Supremo Chefe, na figura do Bobo da Corte, o anti-intelectualismo que tomou conta da psique de uma significativa parte da população, por volta de 12%? Não há certeza sobre o número aproximado de fascistas em ação.

Esse fenômeno psicopolítico pode ser investigado em profundidade através da identificação e análise cognitiva dos sítios da “direita alternativa” (*alt-right*) e seus dispositivos de propagação de *fake news*, de coleta de investimentos para a causa partidária e da formação ideológica que envolve autores que são considerados os ideólogos e pilares do discurso e narrativa de “extrema direita alternativa”, que estou nomeando de *nazicapitalismo*, compreendendo também palavras-chave recorrentes que permitem o rastreamento dos focos de difusão da ideologia predadora que já alcançou o seu ponto de inflexão com o fenômeno brasileiro e precisa ser combatida como se combatem incêndios florestais. Um dos mais proeminentes ideólogos da Direita alternativa, Steve Bannon, pode ser considerado como um incendiário dos estratos culturais da história humana no planeta, classificados como “ultrapassados” por ele, cuja destruição dará origem a um novo ciclo. Como? Pararam de pensar? Eis flagrado o traço nazicapitalista da “Direita alternativa”: a absoluta ausência da humanidade do Outro, a maioria humana, assim como não há percepção dos riscos planetários decorrentes dessa forma de ser humano que evidencia a demência e a destruição, o recalque e o desafeto, a escravidão e o desrespeito à vida em sua amplitude e totalidade.

Félix Guattari (2009, p. 7) inicia o seu pequeno-grande livro “As três ecologias” com uma epígrafe de Gregory Bateson que se presta para o momento de modo condizente: “*Existe uma ecologia das ideias danosas, assim como existe uma ecologia das ervas daninhas*”.

As ideias danosas propagadas por grupos de pensamento em bloco, enfileirados no pensamento único, constituem um fenômeno que requisita uma investigação ética e o desenvolvimento de ações que combatam essa vaga neoliberal-nazifascista-capitalista através da Lei maior da Vida em seu acontecimento vivente.

A ecologia mental se encontra ameaçada quando, como agora vemos as instituições críticas serem atacadas e confinadas para a morte, como nos campos de concentração nazistas e fascistas, pois justamente é a produção espiritual crítica que desenvolve os dispositivos cognitivos para uma formação humana capaz de ler os signos do mundo na convergência de sua extraordinária multiplicidade, sua maior riqueza na justiça e na radical equidade e cuidado poliético incondicional. Assim como as forças do capitalismo predador destroem as florestas para a exploração de minério ou monocultura pecuária ou agrária,

sem que exista uma mínima consciência do incalculável mundo de conhecimento que se destrói para sempre, de modo paralelo, agora o foco é a guerra contra os considerados “intelectuais de esquerda”, propagadores, desde criancinhas, do que chamaram de “marxismo cultural” como uma cunhagem para marcar o “gado” que se vai abater ou doutrinar na monológica.

Ora, a atitude de egoísmo e ignorância do outro em sua radical diferença e dignidade é, em si, uma atitude que favorece o engendramento nazifascista-fundamentalista-capitalista-predador-elitista, que corresponde a um crime de lesa humanidade, na medida em que põe em risco a dignidade dos “outros”, tomando como válida universalmente as leis inexoráveis que regem o mundo da vida, considerando válido o conhecimento balizado cientificamente, falseado em suas aplicações práticas, comprovado por comunidades de especialistas que detêm o domínio daquelas técnicas e saberes específicos. A ecologia mental, assim, se estende amplamente ao mundo da técnica em sua diversidade produtiva e seus operadores pragmáticos. É preciso, então, destacar as formas de construção do conhecimento que escapam à métrica de uma ação no mundo machista e misógino, eugenista, racista, polarizado na guerra híbrida e “exterminadora do futuro” dos que estão à margem do banquete dos olímpicos, dos banqueiros, dos bilionários. Mas, quantos afinal desejam este estado de destruição poliecológica – uma destruição ambiental, uma destruição social, uma destruição mental (espiritual) e uma destruição cibernética?

A boa notícia é que a maioria da população mundial não está afinada com os valores da extrema direita, e clama por razoabilidade e humanidade em relação ao conjunto natureza que é a nossa casa comum. Afinal, mesmo se a terra fosse plana ela seria comum para todas as formas de vida que nela vingassem. O problema é que estamos no meio da guerra ideológica como alvos prioritários, porque representamos a ciência, a arte, a filosofia, a mística (não a mistificação), ou seja, o pensamento crítico afinado com os problemas emergentes do mundo, sobretudo aqueles sociais e humanos. Não está em jogo uma ideologia de esquerda, e sim uma ação cocriadora da saída deste estado de escravidão psicológica que hoje é o grande mercado da sociedade do conhecimento. Em síntese, destruir a universidade pública é como destruir a floresta amazônica em etapas cada vez mais vorazes e alucinadas, movidas por convicções infundadas e por crenças simplistas que

põem em risco letal a soberania nacional e sua constituição, que justamente garante às universidades e institutos técnicos, como autarquias, plena autonomia e total responsabilidade pela formação, pela pesquisa e pela extensão de suas atividades específicas.

A ideologia da destruição que ameaça as universidades públicas só tem um propósito: desmontar, sufocar, para substituir o “velho” sistema do mundo letrado pela novíssima linha de montagem de humanos-direitos, à imagem e semelhança da sua magnânima ignorância afetiva fundamental.

O acervo material e imaterial das universidades públicas brasileiras e dos institutos federais será incinerado como a floresta amazônica? E é? Como assim? Sim, o desmonte vai ser agenciado de modo decisivo com o “Future-se”: a porta de entrada para todos os infernos e festa de banqueiros felizes pelos futuros clientes, que como peixes desavisados serão fogados e capturados nas redes do mundo igual para todos os que acreditam nele, os cruéis, os assassinos, os recalcados, os ainda ingênuos e toda sorte de fascistas, nazistas, homofóbicos, racistas, etc.

Trata-se agora de uma questão de força, uma força tão poderosa capaz de clamar aos oito ventos a indignidade dos oprimidos pela onda anti-intelectualista que invadiu nossas quatro ecologias/éticas: a ambiental, a social, a mental e a cibernética. Os oprimidos da vez são os professores, cientistas, artistas, filósofos, místicos. A mesma artimanha usada nos regimes nazista ou fascista ou comunista: queimar livros, humilhar profissionais da educação, por definição categórica “agentes de esquerda” e “marxistas culturais”, desvalorizar pensadores e poetas livres, ignorar tudo aquilo que requer humanidade para poder ser e poder ser compartilhado.

Enfim, é uma questão de vida ou morte! Deixar acontecer sem resistência criadora é o mesmo que imaginar que os povos originários que estão sendo catequisados ou assassinados não lutarão até o fim por seus territórios e suas vidas. O problema é que é uma luta desigual, como sempre foi ao longo da história. Um regime político democrático está aí, justamente para combater os abusos de qualquer grupo organizado que queira ferir os direitos constitucionais plenos de cada ser humano em sua singularidade radical. Por isso, trata-se de uma luta contra a destruição de nosso território nacional, pela insanidade

do nazicapitalismo mundial integrado que almeja ter o controle total de todas as almas do planeta, a maioria com seus corpos já docilizados, a começar sempre pelos menos instruídos e os mais carentes economicamente.

O fato é que o interesse fundamental de todo esse fenômeno psicopolítico é o extermínio de todo traço de desenvolvimento humano que escape ao controle dos nazicapitalistas, os escravagistas que agora aprisionam almas e não apenas corpos, os necropolíticos pós-humanos.

A Universidade está sendo atacada justamente por ser ela o âmbito da formação profissional, da inovação tecnológica e da criação livre nas diversas áreas do conhecimento, e da expressão do pensamento divergente em qualquer direção e sentido, atacar a Universidade e a educação básica, no plano das ecologias social, mental e cibernética, é pretender sufocar toda forma de conhecimento implicado com a radical ética do cuidado incondicional com o mundo da vida.

Os nazicapitalistas desenvolveram as redes de captura da psicologia de massa e estão fazendo um estrago enorme nos países que perderam a regência de seus desenvolvimentos socioeconômicos soberanos, sobretudo, porque há alinhamento ideológico de extrema direita em torno de pautas de combate ao que consideram absurdo, como por exemplo a onda pós-moderna que rompe com a lógica binária e arborescente para agir em uma lógica do terceiro incluído e da plasticidade rizomática enacionista, a perspectiva cognitiva enacionista, uma Teoria da Atuação (VARELLA; THOMPSON; ROSCH, 2003; MATURANA & VARELLA, 2001), em que corpo e mente formam um sistema autopoético vivo e vivente, plenamente integrado ao seu ambiente natural.

Ora, os que pensam na direção contrária dos inalienáveis direitos e deveres do ser humano em sentido universal e querem impor a todos uma forma de ser “covarde” e recalçada, porque toda ação violenta pelo uso desigual da força armada é expressão da covardia, são a parte “demente” do *Homo sapiens* e revelam apenas o “retorno do recalçado”, o estado de desamor e abandono ao mundo das perversões sufocadas. Só o covarde pode ser torturador e exterminador do futuro. Só um covarde pode louvar outro covarde.

A lógica, então, nazicapitalista continua repetindo o mesmo dispositivo de todos os impérios e estados autoritários, agindo de modo semelhante ao processo de escravidão dos negros africanos: aqueles que são capturados se tornam escravos e os que se rebelam são assassinados. Há uma lógica da expropriação naturalizada, a mesma que vê o índio como um animal de caça. O nazicapitalista diz querer botar ordem na casa dos outros, é como o hipócrita e o moralista assassino, que só enxergam as lacunas dos outros e nunca as próprias.

A onda anti-intelectualista é uma reação da direita extrema aos avanços da consciência poliecológica do planeta, uma reação contra a possível perda do controle hegemônico das riquezas da Terra e seus vizinhos planetas.

O que está sendo o anti-intelectualismo no Brasil? Quais as suas motivações? Quais os seus instrumentos operadores? Qual o seu *design* cognitivo e o seu léxico e sua gramática? Seus ideólogos e retóricos, sítios e líderes?

O anti-intelectualismo, que faz parte do pacote ideológico da extrema direita mundial, tomou conta da mídia alternativa e oficial do Brasil. Quais são aí as palavras de ordem que circulam na rede e que afirmam o anti-intelectualismo? O que é, afinal, o anti-intelectualismo?

“Escola sem Partido” é parte integrante do mesmo movimento nazicapitalista, para o qual o “anti-intelectualismo” demarca o repúdio ao Outro, o diferente, o estrangeiro, o pós-moderno, o comunista, o marxista, o cristão etc. Há, de fato, uma negação do suposto discurso do poder tradicional vigente, como se fosse possível classificar tudo o que é mirado como “objeto”, exterioridade, como se fosse possível reduzir o mundo dos outros ao mundo de ninguém, terra invadida, terra roubada, terra hackeada, mentes capturadas.

O discurso anti-intelectualista é um complexo semiótico composto por diversos discursos que reificam o “mesmo”: o “anti-” é o dispositivo de ataque ideológico, ataque a tudo o que escapa à métrica reducionista, ao Outro. É um discurso do medo do Outro, o Outro singular, o Outro múltiplo. É um medo do compartilhamento, da amorosidade interpessoal ativa. Medo do Outro que pensa completamente diferente. Medo do diferente.

O “anti-intelectualismo” é uma modelagem ao modo do “intelectual orgânico” preconizado por Gramsci (1966), o que em si é uma contradição, porque Gramsci é um dos proscritos dos círculos anti-intelectualistas. Há, assim, uma cartilha de formação do “anti-intelectual”, a elucidação de como negar repetidamente toda afirmação de alguém que se encontra do lado de lá. É também uma questão de lado, é tão limitado que só vê o lado. Isto repete o mesmo entendimento gramsciano do “intelectual orgânico”, o porta-voz de um grupo político emergente em sua labuta por conquistar a hegemonia política, e tudo faz para conquistar o lugar da ideologia intelectual tradicional, formando os seus próprios intelectuais orgânicos tanto em organismos e organizações privadas como nas instâncias do estado.

O “anti-intelectualismo” é uma forma de “nazi-intelectualismo”, uma forma de exterminar a cultura e o pensamento dos que são identificados como o inimigo a combater. Mas quem é o inimigo que está sendo combatido? Veja-se bem, há um inimigo sendo combatido. Todo o mal está no Outro. O Outro é o que age e pensa diferente. Encontre-se uma marca, um signo para identificar o inimigo: o seu nome é comunista e o seu discurso é o marxismo cultural!

Percebe-se e constata-se um plano de formação do anti-intelectual que corresponde a uma repetição de modos desiguais de ser humano, formas de poder que pareciam ter sido superadas pela história social mais recente das democracias do planeta, e que são criminalizadas em regimes democráticos de fato, como as ofensas morais de toda espécie e a violência física contra os mais fracos e os desarmados. No ideário nazicapitalista ser “anti-” é ser “pró” regime contra os diferentes, criticar o já estabelecido é buscar ocupar o lugar do estabelecido. Um jogo pelo poder hegemônico

O anti-intelectual propaga sua crença como verdade única, rígida, polarizada contra o inimigo identificado nos signos de sua gramática necropolítica. Ele mistura tudo em seu ego ávido de domínio sobre os outros: religião, mistificação, corrupção, dinheiro, manipulação, agressividade, saque, destruição. Ora, o que fizeram com os povos originários? Os assassinos andam livres desde tempos imemoriais. Assim como há uma ecologia dos vulcões, dos furacões e das pragas, há também uma ecologia dos assassinos e da violência insana de “fortes” contra “fracos”.

A questão requer a identificação dos agentes nazicapitalistas em ação, através dos meios disponíveis na *Web*, porque os ataques que visam à tomada de territórios inimigos se dão agora no campo dos afetos e dos juízos de valor provocados pela manipulação da informação. A “psicopolítica” está sendo agenciada de uma maneira quase absoluta pelos agentes nazicapitalistas. A única saída é usar a *Web* como fazem os canais alternativos inteligentes e comprometidos com a dignidade humana e a ética para todos e não apenas para os corruptos e corruptores desumanizados e patéticos, porém assassinos perigosos.

Aquele que mata uma ideia deve ser considerado assassino, de modo similar a quem mata um semelhante ou um animal protegido ou não?

Os maiores danos do “anti-intelectualismo” vigente são justamente aqueles da ecologia mental da intelectualidade estabelecida e respeitada por sua autoridade própria, e não por sua posição de autoridade imposta. Assim como um incêndio pode destruir uma mata inteira, as palavras de um nazicapitalista são incendiárias e devastam tudo o que aparecer pela frente, sem nenhum critério exceto a redução do Outro ao nada, como se fosse possível eliminar a diversidade mental sem destruir a mente comum em sua função primária e crucial ao vivente: a força de coesão que a tudo reúne e deixa ser cada um em sua plenitude.

Entre o parecer e o ser nunca houve diferença, apesar de a metafísica platônica ter estabelecido um corte e uma diferenciação entre o mundo sensível e o mundo inteligível. Na história das civilizações, dos impérios e dos estados nacionais sempre se valorizou a aparência acima de qualquer coisa: parecer justo, parecer correto, parecer confiável, parecer ético etc. Isto se acentuou quando as redes sociais que foram se formando nas plataformas digitais foram capturadas e agenciadas para fins ideológicos, demarcando o início da “necropolítica na rede” e da “psicopolítica”.

O grande problema é o grande estrago que a vigente ideologia de extrema direita vem fazendo no Brasil e no mundo. Agora, surge a figura do “novo intelectual de extrema direita”, após a suposta destruição de toda a intelectualidade brasileira eis que finalmente surge o salvador com sua fórmula mágica: o *fascismo socrático*. Explico-me, o fascismo defendido assume a atitude socrática como seu guia, o que é uma contradição, porque Sócrates não pregava nenhuma doutrina, mas investigava o fundo das doutrinas, o seu

fundamento. O que é bem contrário à atitude dos que se autoproclamam sábios da hora, ou melhor, os “sofistas” do reino, seus ideólogos muito bem remunerados. O que algo assim tem a ver com Sócrates e com o socratismo filosófico que se expandiu pelo mundo? Ora, Sócrates é “filósofo” e não “sofista”, e usá-lo como argumento para o modo correto do filosofar pressuposto, implica justamente em criticar a figura do “sofista”, o “sábio autoproclamado”. Justo diante de Sócrates que questiona o saber retórico dos sofistas?

A onda “anti-intelectualista”, assim, corresponde a um programa nazicapitalista que quer substituir os discursos múltiplos e singulares por discursos oficiais únicos, propalando uma nova formação intelectual, resgatando os valores da suposta Idade Média e de sua filosofia tomista. E o programa é nazicapitalista por associar a ideologia nazista aos interesses concretos do capital, mas apenas do ponto de vista similar ao conquistador que enxerga o nativo do território conquistado como animal de caça. Não há reciprocidade humana, e sim expropriação e destruição.

Temos agora um problema comum: como desfazer ou anular os estragos feitos pela leitura de mundo imposta pela ideologia anti-intelectualista nazicapitalista? Sim, é óbvio que ela não atinge a integridade das pessoas críticas, mas o fato é que há um sufocamento do que se produz na universidade, através do gás letal que corresponde à notícia falsa e sua replicação. Há, então, uma poluição da comunicação entre a academia e a sociedade pelo agente poluente que é a notícia falsa. Considerar que a universidade brasileira foi tomada pela ideologia marxista e por isso perdeu-se no tempo passado, é desconsiderar a efetividade da multi-ecologia intelectual que constitui hoje a rede de universidades federais e institutos técnicos brasileiros. É uma mentira sem igual reduzir tudo a uma fórmula de identificação dos pecadores, os erráticos, os desviados, os pós-modernos, os diferentes, os marxistas, os frankfurtianos, os gramscianos, os freirianos etc. Todos rótulos para enquadrar e punir, identificar e excluir, destruir o opositor. Mas como, quem é o poderoso capaz de definir o que é correto, verdadeiro e bom para os outros? Isto não viola o direito universal inalienável de autodeterminação dos povos e indivíduos?

Uma forma de combate à violência semiótica do discurso nazicapitalista é justamente a atitude filosófica radical, que não é a atitude do profissional de filosofia, mas a atitude humana fundamental diante do conhecimento conectado com os acontecimentos reais de cada contexto específico. O desrespeito à autodeterminação do outro é deveras

assustador, como se a crença nova resolvesse em definitivo os problemas humanos concretos pela eliminação dos “marxistas culturais” que são todos os que propagam o respeito incondicional à liberdade de cada um, na medida em que a liberdade não fira ou ponha em risco a liberdade dos outros. Algo tão simples de compreender e que, entretanto, se transformou em um grave problema de comunicação e de interpretação semiótica e hermenêutica dos signos presentes em discursos necropolíticos, nazicapitalistas.

O reconhecimento dos discursos “anti-stablishment” é fundamental nesta análise e crítica do agenciamento do discurso anti-intelectualista que se implantou, pois ele acabou apropriando-se da website como a plataforma da *alt-right*, e sobre o seu papel no Breitbart (site de mídia conservadora), Bannon (2016) declarou que se via como virulentamente anti-stablishment, particularmente 'anti-', que ele considera como uma classe política permanente, é a primeira ação necessária para a sua identificação, para que seja possível uma proteção contra a sua letal presença. A atitude “anti-” se posiciona contra a humanidade em sua autodeterminação própria, confundindo o verdadeiro e o falso: não há verdades, apenas manipulações e representações oficiais. Ora, a quem interessa o “anti-” intelectualismo que floresce no Brasil?

Uma pergunta cuja resposta é tão óbvia que chega a passar ao largo de tanta proximidade e evidência. O que é óbvio demais se torna banal, insignificante. É insignificante identificar a “direita do atraso” como agente disfarçado por trás de todo jogo nazicapitalista em movimento. O fato é que há agentes disseminadores da “boa nova” e estes são de variados tipos, mas todos estão conforme o que diz o sofista do regime de mão única.

Tudo ao contrário do que é hoje a gênese do conhecimento no mundo dos grandes centros de pesquisa interdisciplinares: a heterogênese é a regra da criação de modos de existência guiados pela razoabilidade e pela dialógica operatória das sínteses que ultrapassam a polarização e as reduções indevidas ao dualismo mente e corpo e suas consequências práticas nefastas.

A luta do conhecimento é contra toda forma de opressão e limitação indevida, porque está em jogo o desenvolvimento humano saudável e vital para todos, o que é uma luta permanente contra os modos de ser desiguais e predadores. O nazicapitalismo é hoje

o discurso sustentado por aqueles que estão determinados e muito bem pagos para destruir o Brasil, tornando-o escravo do imperialismo norte-americano: uma *desfuturação* do florescente e extraordinário multiculturalismo brasileiro.

O que se vê diante é um desmonte completo de um projeto de nação brasileira cuja missão seria agora reger o mundo para a sua mais alta qualidade sustentável: a justiça social e a plena liberdade de expressão e criação corresponsável de todos com todos e tudo. Não há saída fora do conhecimento público e fundamentado, consistente e necessariamente ético, fundado na colaboração e respeito de todos em relação a tudo. Entretanto, não devemos nos enganar com as aparências absolutistas do nazicapitalismo e seus agentes, e uma boa fundamentação histórica acerca da vida e sua evolução no planeta, da humanidade e sua história cultural (científica, filosófica, artística, religiosa, mística, técnica, econômica) nos protege contra a ignorância, e nos faz aprender a diferença entre verdade fundamentada e verdade não examinada. O fato é que, como seres falantes e pensantes, nossa ação no mundo se dá através do que dizemos e fazemos. O que se diz, então, se diz verdadeiro como dizer, mas não como conteúdo do que é dito. Afirmar algo é criar realidade. Com as palavras se pode dizer a verdade, no sentido daquilo que é desvelado conjuntamente, como também mentir, fazer parecer verdade o que é ilusório, imaginal, virtual, possível, similar. Tudo, então depende de campos de ação de manipulação: os canais preferenciais de comunicação, entretenimento e notícia que servem aos que pagam. Os que pagam querem o domínio do território adquirido, pagam para dominar os seus desejos, manipular a vontade das massas desprovidas, aparelhar o estado para escravizar o povo e tirar-lhe o futuro de pleno desenvolvimento humano.

O que está em jogo é a destruição do Brasil como país soberano e inovador, cuja maior contribuição seria justamente uma formação humana multirreferencial, interdisciplinar, transdisciplinar, complexa, polilógica e poliética, como forma de construção e gestão do mundo das relações afetivas comuns e partilhadas, projetando a potência do futuro criador fora do controle do imperialismo hegemônico. Primeiro a destruição da autonomia econômica, e em seguida da autonomia técnica, cognitiva, operativa, intelectual.

Assim, o anti-intelectualismo tem hoje no Brasil o objetivo de destruição das universidades públicas e dos institutos federais, e isto justamente pela ausência absoluta

de um projeto de nação para todos e não apenas para os escolhidos de uma determinada crença contra os outros em geral.

Contra o anti-intelectualismo, a ciência, a filosofia, a arte e a mística (compreendendo as religiões ecumênicas, pacíficas, curadoras da dignidade humana) comprometidas com o mundo da vida otimizado e não maximizado como ocorre com a mais-valia nazicapitalista.

A rigor o nazicapitalismo é ainda objeto aberto de investigações fundamentadas, e sua específica gênese no que toca o caso brasileiro, envolve, sem dúvida, um desenho ideológico maligno e assassino, favorecedor de fato da reificação nazista, fascista, fundamentalista de extrema direita, machista, antifeminista, patriarcal. Mas por que logo com o Brasil — o experimento nazicapitalista mais devastador e irracional do mundo contemporâneo? Como chegamos a tal?

Negar o acervo de conhecimentos e práticas profissionais que as universidades federais e públicas acumularam e desenvolveram ao longo dos anos é mesmo um ato de vandalismo intelectual, cultural, espiritual, político. Pretender privatizar a instância maior de formação, pesquisa e inovação tecnológica do país é o mesmo que negar sua soberania e futuro promissor comum para todos, negar o seu projeto político soberano, e não só para os brancos, os machistas, os contra o politicamente correto, os “do contra” por incontinência mental aguda, os violentos e torturadores físicos e mentais, e sim para todos sem exceção, todos como diversidade, diferença, multiplicidade, heterogênesse.

A luta, então, é de vida e de morte, porque os nazicapitalistas estão armados com robôs e humanos-robôs e não estão interessados em desenvolvimento humano, justiça social, humanidade solidária, consciência poliecológica, comum-responsabilidade e conhecimento científico, filosófico, artístico e místico, e sim em impor a todos o que consideram verdadeiro, justo, correto. Mas como é possível ser justo, verdadeiro, íntegro, agindo de modo violento e praticando uma necropolítica, uma política de morte ao diferente, ao outro, ao Deus desconhecido?

É claro que não se trata apenas de reconhecer os méritos do sistema universitário federal, mas também observar seus problemas estruturais e crônicos, o que requisita uma estratégia de transformação programada e inteligente, otimizadora e não maximizadora,

em que se valorize a prata da casa e não se a destrua sem nenhuma consciência daquilo que está sendo perdido para sempre.

Encerrando

É clássica a imagem do incêndio da Biblioteca de Alexandria, ocorrido quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, no século II d.C. em que os livros considerados erráticos foram destruídos e alguns, para sempre, por ausência de outras cópias. Qual será o estrago definitivo do acervo intelectual e humano construído nas universidades federais do Brasil, quando estas foram identificadas como causadoras intelectuais do que se quer destruir com a onda “anti-intelectualista”?

Ora, ora, ora em que tempo estamos vivendo, estamos presenciando o eminente incêndio do futuro soberano do país, de forma reveladora dos bastidores da política nacional comprometida com o nazicapitalismo. Algo inesperado ocorreu pegando a “elite do atraso” de surpresa. Agora a elite do capital está se vendo às voltas com a extrema direita nazista, e parece não ter diante outra alternativa a não ser perpetuar o sistema jurídico corrompido desde sempre, pois este poder é o mesmo que condenou Sócrates à morte, crucificou Jesus Cristo, queimou na fogueira Giordano Bruno, aprisionou Nelson Mandela, criminalizou sem fundamento o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e que pretende calar o Papa Francisco desrespeitando-o em sua ação amorosa incondicional. E encontraram o “bode expiatório” em Paulo Freire, símbolo máximo do marxismo cultural que tomou conta das universidades e das escolas pobres espalhadas pelo Brasil. Uma acusação de instrumentalização partidária/política da educação pública e das universidades federais. Como assim? Com qual fundamento afirmar algo deste gênero? Quem está mentindo na história? E qual é a verdade a ser difundida para todos da forma mais republicana possível?

Somos todos corresponsáveis por tudo o que se passa como destruição e caça aos comunistas, aos diferentes, aos livres, aos artistas, aos filósofos decoloniais e pós-modernos, aos místicos como o Papa Francisco, a todos os que ousam ser apesar de perseguidos e caçados. Somos corresponsáveis pelo futuro da vida no planeta, e tudo o

que hoje acontece no mundo atinge a todos sem exceção, sobretudo aqueles que ainda estão por vir, os futuros, os nossos filhos, netos e bisnetos.

Referências

BANNON, Steve. **Steve Bannon**. 2016. Disponível em: https://pt.wikipedia/Steve_Bannon. Acesso em: 15 maio 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Cartas do cárcere**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1966.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 20.ed. São Paulo: Papyrus, 2009.

HAN, Byung-Chul. **No exame**. Perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. As bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

VARELA, Francisco J; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A Mente Incorporada**. Ciências Cognitivas e Experiência Humana. Porto Alegre: ARTMED, 2003.